

O PAPA FRANCISCO E OS MOVIMENTOS POPULARES (A necessidade de repensarmos o modelo de sociedade atual)

Celso Carias¹

Introdução

O Papa Francisco tem surpreendido o mundo e a Igreja pela sua grande sensibilidade em torno de questões chave para construir uma sociedade onde a dignidade humana seja garantida, se não para todos/as, pelo menos para a maioria dos seres humanos. Não é tarefa fácil, tendo em vista o conjunto de forças antagônicas que constituem a organização da vida em sociedade em nossos dias.

A filósofa Adela Cortina indica que para fazer um bom discernimento quanto às questões de justiça é preciso ter à frente três fatores que sempre estarão em jogo: a) Não há *recursos* infinitos no planeta. A matéria-prima pode se esgotar. b) Há *conflito* de interesses, isto é, as classes sociais não compactuam facilmente por conta de interesses diversificados. c) E, finalmente, não se pode garantir *idoneidade* de todos os interessados na organização da sociedade. Assim, é uma pretensão um tanto quanto ingênua achar que as mudanças na sociedade acontecerão por um ato de bondade de lideranças políticas bem intencionadas.

Ora, é exatamente a ausência deste tipo de ingenuidade que tem marcado as posições de Francisco. Além de suas atitudes concretas, como a continua denúncia em torno da questão migratória, com suas vítimas fatais, o Papa tem feitos muitos pronunciamentos. Vamos destacar aqui os discursos pronunciados por ele por ocasião dos encontros com participantes do movimento popular, realizados em 2014, 2015 e 2016 respectivamente.²

Em nossa leitura dos discursos a questão central que os perpassa é o fato de Francisco colocar como eixo o *protagonismo dos excluídos*:

Este encontro dos Movimentos populares é um sinal, um grande sinal: viestes apresentar diante de Deus, da Igreja e dos povos uma realidade que muitas vezes passa em silêncio. Os pobres não só suportam a injustiça, mas também lutam contra ela! Não se contentam com promessas ilusórias, desculpas ou álibis. Nem sequer estão à espera de braços cruzados da ajuda de ONGs, planos assistenciais ou soluções que nunca chegam, ou que, se chegam, fazem-nos de maneira a ir na direção de anestesiar ou domesticar, o que é bastante perigoso. Vós sentis que os pobres não esperam mais e querem ser protagonistas...³

¹ Teólogo, professor do Departamento de Teologia, setor de Cultura Religiosa.

² Em 2014 foi realizado em Roma na Ex-Sala do Sínodo, no dia 28 de outubro. Em 2015 foi realizado em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, em 09 de julho. E o de 2016 foi realizado de novo em Roma, na sala Paulo VI, em 05 de novembro de 2016. Chamaremos, daqui para frente de Primeiro Encontro, Segundo Encontro e Terceiro Encontro respectivamente.

³ Primeiro Encontro.

Primeiro Encontro

Neste encontro o Papa lança o chamado para atender a três necessidades básicas da vida humana: *terra, teto e trabalho*. Tem sido conhecido como os três “Ts”. Ele afirma:

Este nosso encontro responde a um anseio muito concreto, algo que qualquer pai, qualquer mãe, quer para os próprios filhos; um anseio que deveria estar ao alcance de todos, mas que hoje vemos com tristeza cada vez mais distante da maioria das pessoas: terra, teto e trabalho. É estranho, mas se falo disto para alguns o Papa é comunista. Não se compreende que o amor pelos pobres está no centro do Evangelho. Terra, teto e trabalho, aquilo pelo que lutais, são direitos sagrados. Exigi-lo não é estranho, é a doutrina social da Igreja. Medito sobre cada um deles, porque os escolhestes como palavra de ordem para este encontro.

Vivemos em uma situação onde a questão da **terra** ainda é um grande dilema na organização da vida em sociedade. No Brasil temos vivido muitos conflitos justamente porque os grandes latifúndios tiram a possibilidade de os pequenos agricultores ficarem em suas propriedades ou adquirirem pequenos sítios para suas plantações. Sabe-se que cerca de 70% de nossa alimentação diária vem da agricultura familiar, e, no entanto, essas famílias são extremamente exploradas. Cerca de 30% de todo alimento produzido e industrializado vai parar no lixo sem alimentar uma única pessoa. Por isso, o Papa vai falar de uma necessidade fundamental: *reforma agrária*. Citando o Compêndio da Doutrina Social da Igreja ele diz: *a reforma agrária torna-se, por conseguinte, além de uma necessidade política, uma obrigação moral (CDSI, n.300)*.

Teto. A questão da moradia ainda é, infelizmente, uma questão longe de ser resolvida. No Brasil, o programa *Minha Casa Minha Vida* construiu cerca de 2,5 milhões de residências, mas o déficit era de sete milhões. Portanto, ainda temos um déficit de 4,5 milhões de moradias. As cidades se tornaram um grande balcão de negócios. E como diz uma grande urbanista brasileira, Raquel Rolnik: *incluir sem incluir*, pois coloca as famílias em lugares afastados de todos os serviços fundamentais. Mesmo o programa citado deixou a desejar em muitos aspectos. Os bairros periféricos são desprovidos de serviços essenciais e os trabalhadores, muitas vezes, precisam passar horas no transporte público para chegar em seus postos de trabalho. As periferias são uma espécie de “terra sem lei”, onde predominam tráfico, milícias e corrupção policial. Assim, constata o Bispo de Roma:

Vivemos em cidades que constroem torres, centros comerciais, fazem negócios imobiliários, mas abandonam uma parte de si às margens, nas periferias. Como faz mal ouvir que as populações pobres são marginalizadas ou, pior ainda, que as querem

deslocar! São cruéis as imagens dos despejos, das máquinas que derrubam barracos, imagens tão parecidas com as da guerra. E hoje se vê isto.

Finalmente o **trabalho**. Não poder ganhar o pão para alimentar os filhos é uma das piores experiências que um pai e mãe podem viver. Cada vez mais postos de trabalhos são trocados por máquinas sem que procurem compensar aqueles e aquelas que ficarão sem emprego. A crise mundial tem forçado as chamadas *reformas trabalhistas*, que não garantem o aumento de postos de trabalho, que sacrificam ainda mais a massa trabalhadora. Como alguém pode afirmar que quinze minutos são suficientes para o tempo de refeição de um/a trabalhador/a?

É, diz o Papa, uma indiferença globalizada. Neste sentido, qualquer pessoa, com o mínimo de sensibilidade humana, deve colocar suas forças a serviço de uma sociedade digna para todos. Ele então termina conclamando a continuar perseverante: *continuai a vossa luta, fazei o bem para todos nós.*

Segundo Encontro

Este encontro, em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, vai ser marcado pela necessidade de **mudança** em muitas instâncias da vida em sociedade. *Precisamos e queremos uma mudança*, diz Francisco. Uma mudança nas estruturas geradoras de exclusão social. Usando a expressão de Basílio de Cesareia, ele vai afirmar que o mundo de hoje está fundado sob o *esterco do diabo*.

Sabemos, contudo, que mudar não é fácil. Por isso, o Papa vai falar de necessidade de gerar processos, e que o núcleo destas mudanças deve ser uma *cultura do encontro*. As pessoas devem estar no centro, e não o lucro. Mas não há receitas prontas. Abrem-se, nesse sentido, três grandes tarefas:

a) *A primeira tarefa é por a economia ao serviço dos povos.* Este modelo atual de economia mata, exclui e destrói a Mãe terra. Não basta colocar a economia na direção do desenvolvimento. Já está demonstrado, embora não se diga muito, que o desenvolvimento não garante um equilíbrio na distribuição da riqueza e tão pouco possui condições de garantir o equilíbrio ecológico.

b) *A segunda tarefa é unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça.* O mundo tem assistido novas formas de colonialismo, isto é, submetem-se os povos através de um modelo de vida que não se aplica do mesmo modo em todo lugar. Assim, vai se gerando um mecanismo que produz violência, pois o modelo proposto está longe da possibilidade da grande maioria dos povos. O Papa Paulo VI já afirmava há muito tempo: *A paz é fruto da justiça.*

c) *E a terceira tarefa, e talvez a mais importante que devemos assumir hoje, é defender a Mãe terra. A casa comum, como ele colocou na Laudato Si'. E com um coração de pessoa com grande sensibilidade, diríamos, como o coração de Cristo que suplica: nenhuma família sem teto, nenhum camponês, sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. E termina de modo inusitado, pois sabia que ali estavam pessoas de todo o tipo: E peço-vos, que rezeis por mim. E se algum de vós não pode rezar, com o respeito, peço-te que me tenha em teus pensamentos e mande-me uma boa "onda". Obrigado!*

Terceiro Encontro

O terceiro encontro amplia o horizonte. Contou, inclusive, com a presença do ex-presidente do Uruguai José Mujica. Estamos no limiar de um novo tempo, embora não saibamos ainda muito bem como ele vai ser configurado. Mas sabemos que não podemos mais ficar subjugados, como diz Francisco, pelo *colonialismo ideológico globalizador*, com suas receitas que não respeitam a identidades dos povos. Tal colonialismo é incapaz de pensar a partir de baixo. Quando o capitalismo entra em crise sempre se atinge os mais pobres e nunca procurar compartilhar a riqueza acumulada pelos mais ricos. Mas para justificar o ataque aos mais pobres, procuram qualifica-los como escória, como merecedores da violência do sistema por serem, segundo a visão do *status quo*, indolentes, preguiçosos, quiçá criminosos. Portanto, sofrem porque merecem.

Vivemos em um sistema terrorista, expressão do Papa, que domina através do medo. Medo espalhado em todas as direções, mas as periferias sofrem mais. No Brasil, quem conhece pelo menos um pouco o que significa viver nas periferias, sobretudo nas favelas, sabe muito bem o que é isso.

O medo é alimentado, manipulado... Porque, além de ser um bom negócio para os comerciantes de armas e de morte, o medo debilita-nos, desestabiliza-nos, destrói as nossas defesas psicológicas e espirituais, anestesia-nos diante do sofrimento do próximo e no final torna-nos cruéis.

Como diz o escritor moçambicano Mia Couto, *há que tenha medo que o medo acabe*. Assim, o sistema incute nas pessoas uma atitude constante de desconfiança do outro, fazendo crescer o ódio e o ressentimento.

Mas é preciso construir pontes, e o material é o AMOR. Amor é um verbo. Amar significa se envolver com as pessoas, entrar nas suas vidas. Falando a um público de

diversas religiões e até sem religião, o Bispo de Roma lança mão de um exemplo fenomenal de pessoa humana: Jesus Cristo. Lembrando a atitude que Ele teve na cura do homem da *mão seca* (Mc 3,1-6), aponta para aquilo que é fundamental na construção de pontes: estabelecer uma sociedade em que as pessoas sintam que são tratadas como gente, portadoras de uma dignidade humana, que é um valor em si mesmo. O texto da cura do homem da mão seca lembra que o melhor milagre a fazer é incluir as pessoas na sociedade. Posso não ter uma perna, um braço, ser cego, mas posso andar com liberdade se as calçadas de minha cidade levam em consideração que somos pessoas com as mais diversas características, e nenhuma é superior a outra.

Mas este mundo não permite o desenvolvimento do ser humano na sua totalidade, o desenvolvimento que não se reduz ao consumo, que não se limita ao bem-estar de poucos, que inclui todos os povos e as pessoas na plenitude da sua dignidade, desfrutando fraternalmente da maravilha da criação. Este é o desenvolvimento do qual nós temos necessidade: humano, integral, respeitador da criação, desta casa comum.

Podemos afirmar que temos hoje a necessidade de um *DECRESCIMENTO*, embora o Papa não utilize esta categoria. É uma categoria que alguns poucos economistas tem defendido, entre os quais o francês Serge Latouche.

Vivemos hoje a falência de um sistema político, econômico e cultural, mas estamos à porta do resgate de outro, que com certeza, caminhará na direção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Mas para ir ao encontro desta nova sociedade não podemos ter medo da *política*. Hoje querem desmontar o sistema político, mas sem oferecer alternativas democráticas. Dão margem para tiranias, ditaduras e fascismos. Assim, os poderes se estabelecem com mais facilidade. Aqui precisamos reproduzir um trecho longo do *Terceiro Encontro*, porém de fundamental importância, pois retoma uma visão positiva da política:

Dar o exemplo e reclamar é um modo de fazer política, e isto leva-me ao segundo tema que debatestes no vosso encontro: a relação entre povo e democracia. Uma relação que deveria ser natural e fluída, mas que corre o perigo de se ofuscar, até se tornar irreconhecível. O fosso entre os povos e as nossas atuais formas de democracia alarga-se cada vez mais, como consequência do enorme poder dos grupos econômicos e mediáticos, que parecem dominá-las. Sei que os movimentos populares não são partidos políticos, porque exprimis dizer-vos que, em grande parte, é nisto que se encontra a vossa riqueza, porque exprimis uma forma diferente, dinâmica e vital de participação social na vida pública. Mas não tenhais medo de entrar nos grandes debates, na Política com letra maiúscula, e volto a citar Paulo VI: “A política é uma maneira exigente – mas

não é a única – de viver o compromisso cristão ao serviço do próximo” (Carta Apostólica Octogesima Adveniens, 14 de maio de 1971, n. 46). Ou então esta frase, que repito muitas vezes e sempre me confundo, não sei se é de Paulo VI ou de PIO XII: “A política é uma das formas mais altas da caridade, do amor”.

Evidentemente que o caminho não é fácil...

Conclusão

Após a apresentação dos encontros do Papa Francisco com os movimentos populares, vamos realizar uma breve conclusão. Evidentemente é a nossa leitura. Indicaremos duas ideias chave: *cidadania ativa e decrescimento*. Nenhuma das duas aparece diretamente nos discursos, mas creio que o leitor/a perceberá que elas estão perfeitamente incluídas.

Cidadania ativa. O Estado se tornou, predominantemente, um *Estado eleitoreiro* (aqui estou sendo ajudado por Adela Cortina, uma filósofa espanhola já citada neste texto⁴). Então, a opção de muitos, para se manter em governos, tem sido o de inculcar a ideia de *cidadania do consumo*, isto é, a compreensão de que o consumo é garantidor da felicidade. Se há consumo o governo é bom, se não há ruim. E saúde, educação, mobilidade urbana, e etc.? É o que se convencionou chamar de “Estado de bem-estar”. Na Europa se chegou a um nível bastante alto deste chamado *estado de bem-estar*, mas que vem sendo questionado profundamente nos últimos anos por conta da crise econômica. Trata-se de ter “direitos” que se constituem exclusivamente por possuir bens de consumo.

Assim sendo, a responsabilidade política foi praticamente reduzida a eleições. Alguém hoje pode se perguntar: como um trabalhador, sabendo que sua aposentadoria está seriamente comprometida não protesta? Ora, como diz Adela, *quem não é tratado como cidadão tampouco se identifica a si mesmo como tal*. Consequentemente, abre-se espaço para a discussão em torno da *democracia*, como aparece na última citação do Papa neste texto. Assim, em consonância com as ideias de Francisco, afirmamos que o caminho é ir em direção a uma democracia participativa. Sem o aprofundamento desta concepção estaremos sempre à mercê de aventureiros e aventureiras.

Decrescimento. Na esteira do tipo de cidadania a ser construída vem a questão do modelo econômico (aqui estou sendo ajudado por Serge Latouche, também já citado,

⁴ Soma-se ao livro citado na nota 01, o livro *Cidadãos do mundo – para uma teoria da cidadania*, publicado pela Loyola. Outra obra, da mesma autora, que também é útil para este debate é *Aliança e Contrato – política, ética e religião*.

economista francês, professor emérito da universidade de Paris⁵). Como diz Serge, *todos os governos são, queiram eles ou não, “funcionários” do capital*. Os governos ditos de *esquerda* conseguem, no máximo, distribuir melhor a riqueza, mas não alteram a concentração do capital nas mãos de poucos. O modelo desenvolvimentista já se demonstrou completamente ineficaz quando o assunto é preservar a natureza. Por isso, é uma contradição falar em “desenvolvimento sustentável”.

Naturalmente que não se trata do fim dos diversos mecanismos de produção. Aqui só reproduzimos a ideia-chave, ou seja, decrescer significa *avançar recuando*. É completamente ilógico pensar e construir um mundo a partir da ideia de crescimento ilimitado. Como diz Latouche, citando Denis Clere, *quem acredita que um crescimento infinito é possível em um mundo finito, conclui ele, ou é louco ou é economista*.⁶ Assim, segundo este autor, um círculo virtuoso de oito “erres” se abre a nossa frente. É preciso: *reavaliar, reconceituar, reestruturar, redistribuir, realocar, reduzir, reutilizar, e reciclar*.

Muitos poderiam concluir que tal caminho é impossível. Os poderosos deste mundo vão ceder? Temos visto quanto o Papa Francisco tem sofrido oposição, até mesmo dentro da Igreja Católica. Contudo, tudo indica que é o caminho atual que nos levará senão à destruição, a uma situação de enormes sofrimentos. Aqui entra a **UTOPIA**. Chegamos a um limiar: ou repensamos o modelo político e econômico ou nosso futuro não está garantido. Não se pode mais buscar um **PROJETO DE SOCIEDADE** com mais do mesmo. Mas um novo mundo é possível. E o Papa Francisco vem sendo um sinal de esperança que aponta para uma convivência pacífica e harmoniosa entre os seres humanos.

Bibliografia:

- Os três discursos do Papa Francisco podem ser encontrados no site do Vaticano, aqui: <http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html> (O primeiro realizado em 28 de outubro de 2014, o segundo em 09 de julho de 2015 e o terceiro em 05 de novembro de 2016).
- FRANCISCO, Papa, *Exortação apostólica Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho*, São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- _____, *Carta Encíclica Laudato Si’ / Louvado seja*, São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.

⁵ Pode-se consultar o livro *Pequeno tratado do decrescimento sereno*, publicado pela Martins Fontes.

⁶ Como boa parte dos/as leitores/as deste pequeno artigo não lerão a obra de Latouche, reproduzo a nota 57, da página 26, de seu livro, para efeito de esclarecimento, pois se trata de um assunto bem pouco discutido na academia e muito menos pela mídia: *Teoricamente, pode-se fazer a razão geométrica funcionar no sentido inverso. “Um decrescimento de 1% ao ano faz economizar 25% (da produção) em 29 anos e 50% em 69 anos. Um decrescimento de 2% ao ano faz economizar 50% em 34 anos, 64% em 50 anos e 87% em 100 anos” (Paul Ariès, p. 90)*. Evidentemente, esse raciocínio tem um valor sobretudo teórico para refutar adversários, que o acusam de querer levá-los de volta à Idade da Pedra. O decrescimento decerto não é uma inversão mecânica do crescimento, é a construção de uma sociedade autônoma, certamente mais sóbria e, sobretudo, mais equilibrada.

- CORTINA, Adela, *Ética Civil e Religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____, *Cidadãos do mundo – para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____, *Aliança e Contrato – Política, ética e religião*. São Paulo: Loyola, 2008.